

VERDADE

DIVINA

N.º 14

A vibrant field of tulips with pink and white variegated petals and green leaves, set against a clear blue sky. The flowers are in various stages of bloom, creating a sense of depth and natural beauty.

SANTIDADE



SUMÁRIO

É bom ser diferente - <i>David Petterson</i>	3
A santidade de Deus - <i>John Meekin</i>	4
Santidade no Tabernáculo e no Templo: o padrão de ouro - <i>Jonathan Black</i>	6
Chamado à santidade, respondendo as suas notificações - <i>Shawn St. Clair</i>	8
O privilégio da santidade - <i>Roger Fraser</i>	10
Apto para viver vida santa - <i>Peter Higgins</i>	12
Seja o que você é em Cristo - <i>Matthew Cain</i>	14
Motivações para santidade - <i>Frank Sona</i>	16
Santidade - minhas vestes espirituais - <i>Don Draper</i>	18
O trabalho árduo da santidade - <i>Jonathan Seed</i>	20
A alegria da santidade - <i>Bruce Rodgers</i>	22
O retrato perfeito da santidade: a vida de Cristo - <i>Donald Armstrong</i>	24
Santidade e nosso futuro glorioso - <i>Clark Logan</i>	26

O objetivo desta revista é edificar, exortar e incentivar cristãos para que sejam mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo.

“Não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo...” Colossenses 1:9-10

Copyright © Verdade Divina, Lauro de Freitas, Bahia, Brasil - www.verdadedivina.com.br

Correspondência pode ser dirigida para o editor pelo e-mail: info@verdadedivina.com.br

Os artigos são traduzidos por Marcos Figueiredo com a devida permissão de Truth & Tidings.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da tradução João Ferreira de Almeida - Edição Revista e Corrigida, 4ª edição, 2009, Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados. Verdade Divina é uma marca registrada. A reprodução total ou parcial desta revista não poderá ser realizada por nenhum meio possível, sem a prévia autorização do editor.

É BOM SER DIFERENTE

David Petterson

E bom ser diferente. Na verdade, isso é mais do que bom; é um mandamento decorrente de uma realidade gloriosa. Deus já nos separou (1Co 1:2) como seu povo e somos ordenados a vivermos assim.

A palavra “santo” significa exatamente isso – ser separado, distinto, diferente. E não há privilégio maior do que ser separado para os propósitos e prazer de Deus. Mas, por alguma razão, nós lutamos com unhas e dentes para sermos como todo mundo, obcecados por sermos populares em vez de puros. Preferiríamos que nossas igrejas locais fossem conceituadas como expressivas, firmes, amorosas ou fervorosas, a se prenderem ao rótulo antiquado de ser santo. A santidade pertenceu à geração de nossos avós e às biografias cristãs juntando poeira em nossas estantes. Podemos tender a associar santidade a roupas fora de moda, a atitudes críticas e a rostos sempre carrancudos. Mas estaríamos errados. O mundo é abençoado por ter crentes em Cristo marcados pela santidade, os quais não são caracterizados por nenhuma dessas coisas. E o mundo tem necessidade de que sejamos santos, diferentes, santificados. Nunca pedirão a “razão da esperança que há em [nós]” se primeiro não santificarmos “a Cristo, como Senhor, em vosso coração” (1Pe 3:15). Simplificando, as almas perdidas precisam de que sejamos semelhantes a Deus, e não a elas. Caso contrário, elas perecerão. Que isso seja assimilado. É bom ser diferente.

Ser santo não significa que precisamos voltar no tempo, imitando o passado; significa voltar às Escrituras e obedecer ao que Deus diz no presente. A palavra “santo”, em suas várias formas, é encontrada mais de 700 vezes na Palavra de Deus e

está em tamanho grande na lombada de nossas cópias impressas. Existem dezenas de passagens que nos chamam a atenção para ações e atitudes santas específicas. Se professamos seguir a Santa Bíblia, já é tempo de nós mesmos sermos santos. Ser diferente é mais do que bom – é a expectativa e o mandamento de Deus para o Seu povo.

Santidade também faz parte da Grande Comissão. Se estamos obedecendo de alguma forma, pode ser que o façamos apenas parcialmente. Podemos ficar felizes em pregar as boas novas da morte e ressurreição de Cristo, e podemos ficar ansiosos para batizar novos convertidos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas, e quanto ao resto? Jesus acrescentou: “ensinando-as a guardar todas as coisas que vos tenho mandado” (Mt 28:20). A obediência à Palavra de Deus é o que expressa a santidade (veja 1Pe 1:14-16), e somos ordenados não apenas a sermos santos, mas também a ensinar os outros a serem santos, obedecendo as Escrituras.

Santidade é o tema desta edição. Os artigos (para citar alguns) contêm ensinamentos úteis sobre a santidade de Deus, nosso chamado e privilégio de sermos santos, a alegria que uma vida santa experimenta e nosso destino glorioso – habitar eternamente na cidade santa, a Nova Jerusalém. Também aprenderemos que a santidade é um trabalho árduo e não acontece simplesmente, sem a cooperação de nossa vontade. Mas, felizmente, com os mandamentos de Deus vêm Suas capacitações. Podemos viver vidas santas porque recebemos o Espírito Santo. Essa bênção nos torna especialmente diferentes. E isso é mais do que bom.

A SANTIDADE DE DEUS

John Meekin

“Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em louvores, operando maravilhas?” (Ex 15:11).

Existem muitas declarações notáveis que atestam a natureza essencial e a tremenda santidade de Deus. A citação acima é uma delas. Sua paixão é aumentada pelo fato de que as pessoas que cantavam essas palavras tinham acabado de ver a manifestação do poder de Deus e notado a santidade de Sua pessoa na redenção.

O Apelo da Santidade de Deus

Embora a raiz, a etimologia e os derivados da palavra hebraica “santo” ainda não tenham sido definidos, seu significado está em contraste direto com o que é secular. A palavra indica claramente algo que está separado; ser “santo” marca e denota a separação de tudo o que é impuro.

Esse contraste é visto quando consideramos a revelação de Deus; Ele se revelou como aquele “que habita na eternidade e cujo nome é Santo” (Is 57:15). Os seres angelicais que se movem em Sua presença reconhecem isso, clamando “Santo, santo, santo é o SENHOR dos exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (Is 6:3). Uma das maneiras pelas quais Deus Se descreve a Seu povo é

como o “Santo de Israel” (2Rs 19:22; Is 1:4). Quando esse título é usado para o Senhor, especialmente no livro de Isaías, isso indica um contraste surpreendente com a condição pecaminosa de Israel. É manifestada Sua perfeição e Sua absoluta separação do mal (Hc 1:13). A santidade de Deus também será exibida em escala universal no futuro: “Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo; por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos.” (Ap 15:4).

A Santidade Intrínseca de Deus

Tal como o nome do Senhor é santo, assim é também Sua natureza. Ele é moralmente perfeito em todos os sentidos: em Seus pensamentos, atos, motivos e movimentos. Ele é, sempre foi e sempre será santo. A revelação de Deus no Novo Testamento está de acordo com sua contraparte no Antigo Testamento: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1:5). Todas as três pessoas da Deidade são descritas como sendo santas: Deus o Pai (Jo 17:11), o Senhor Jesus (Mc 1:24; Lc 1:35) e o Espírito Santo (Ef 1:13). A natureza e o caráter da santidade de Deus foram manifestados na vida perfeita e na morte sacrificial do Senhor Jesus (Hb 7:26). A pureza de Cristo foi atestada por demônios (Lucas 4:34); Sua impecabilidade foi reconhecida por aqueles que foram salvos (Lc 5:8), e Ele também foi declarado

inculpável por pecadores (Lc 23:14).

O impacto da Santidade de Deus

A percepção da santidade essencial de Deus teve um impacto permanente e deixou uma marca inextinguível naqueles a quem foi revelada. Moisés estava cuidando de ovelhas no deserto quando Deus revelou a Si mesmo em uma sarça ardente. No final de sua vida, a impressão daquele que “habitava na sarça” (Dt 33:16) ainda estava vibrando em sua memória. Foi-lhe dito para tirar seus sapatos, pois o lugar onde ele estava era terra santa (Êx 3:5). A montanha e o lugar onde ele estava foram consagrados e santificados pela presença de Deus, e Moisés renunciou voluntariamente a qualquer reivindicação de sua posse (cf. Dt 25:9).

De maneira semelhante, Isaías, que esteve andando e ministrando entre um povo impuro e condenando com veemência seus caminhos pecaminosos, ficou estarecido perante a santidade de Deus. Ele recebeu uma visão celestial da pessoa do Senhor e, ao ver a majestade e a suprema glória do Todo-Poderoso, exclamou: “Ai de mim... sou um homem de lábios impuros” (Is 6:5). Isso, sem dúvida, impactou seu ministério no meio de uma nação tão rebelde.

A nação de Israel foi afetada pela santidade de Deus. No Sinai (o monte de Deus) o Senhor desceu em fogo. O povo viu a fumaça e ouviu o barulho do trovão no cume do monte. Eles não ousaram se aproximar e foram advertidos das consequências de fazerem isso. Naquelas circunstâncias, eles foram comissionados como um povo santo, para serem separados e distintos; eles foram associados ao nome desse Deus tremendo (Ex 19:6).

As consequências disso marcaram todos os aspectos de suas vidas como nação. Isso era confirmado a eles a cada semana pelo dia de sábado, que foi santificado ao Senhor (Ex 16:23). Tal era a santidade da presença de Deus, que uma tribo específica daquela nação foi separada para ministrar a Ele. Como tem sido frequentemente notado, isso permitiu que um homem, de uma raça, de uma nação e de uma tribo, que pertencia a uma família, entrasse na presença de Deus em um dia do ano. Esse fato por si só deveria nos impressionar, considerando a realidade da santidade de Deus.

A santidade de Deus também foi exibida aos cristãos no início desta era. Pedro, Tiago e João tiveram o privilégio de acompanhar Cristo ao alto de um monte; Pedro nunca perdeu de vista a glória transfigurada de Cristo e a maravilha daquela experiência. Ele escreveu no final de sua vida: “Estávamos com ele no monte santo” (2Pe 1:18).

As Implicações da Santidade de Deus

O desafio para nossa geração é este: O que a santidade de Deus significa para nós? É-nos dito: “Sede santos; porque eu sou santo” (1 Pe 1:16). Pedro, nesta passagem, está citando Levítico (11:44; 19:2; 20:7). A santidade de Deus distinguia Seu povo; eles eram separados em sua dieta, vestimenta e caráter distinto. Também somos um povo distinto que foi santificado e, como tal, somos identificados e associados a esse Deus santo.

Somos ordenados a seguir “a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14).

SANTIDADE NO TABERNÁCULO E NO TEMPLO

O padrão de ouro

Jonathan Black

Exodo começa com um homem de pé em “solo santo” e termina com um homem vestindo “vestes sagradas” para realizar serviço no lugar santo da casa santíssima. Seja examinando o tabernáculo, seja o templo, ambos nos ensinam tipicamente o “padrão de ouro” da santidade de Deus, um padrão que Ele ainda espera no ajuntamento local hoje. Paulo escreve: “O templo de Deus, que sois vós, é santo.” (1 Coríntios 3:17).

O Tabernáculo – Um Padrão de Ouro

Um Povo Santo

Embora nem sempre vivesse de acordo com isso, o povo de Israel era chamado de “nação santa” (Ex 19:6), escolhido e separado para ser um povo especial para Deus. O que eles eram posicionalmente, Deus esperava que fossem na prática. A razão de Deus requerer santidade no meio do Seu povo nunca mudou, e Pedro, citando Levítico, escreve: “Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1:16). A santidade do povo de Deus exigia duas coisas: um homem santo para representar o povo diante de Deus e um templo santo onde pudesse servir em seu favor, na presença de Deus.

O Padrão Sagrado

Um israelita que se aproximava do tabernáculo se deparava com uma parede de linho fino retorcido, uma figura da justiça de acordo com Apocalipse 19:8. Mas, quando Deus revela o padrão santo a Moisés pela Sua Palavra, Ele começa no lugar mais santo de todos com a arca e o propiciatório, trabalhando de dentro para fora. Ela era chamada de “a arca sagrada” (2Cr 35:3) e tipifica Cristo em Sua incorruptibilidade – a “arca de madeira de acácia” (Ex 25:10) e Sua deidade – revestida “de ouro puro, por dentro e por fora” (v11).

Esta verdade foi revelada nas palavras do anjo a Maria: “O Santo que de ti há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1:35). Hoje não olhamos para uma arca terrestre, mas para Cristo no céu, ainda padrão de ouro de Deus à medida que Ele caminha no meio dos “candeeiros de ouro”, resplandecendo luz como aquele que está cingido com um cinto de ouro e que fala como “aquele que é santo” e “aquele que é verdadeiro” (Ap 3:7).

O Santo Sacerdócio

Pedro afirma que a santidade começa “cingindo os lombos do vosso entendimento” (1 Pe 1:13), e é na testa de Arão, o sumo sacerdote, que encontramos o padrão de ouro em três palavras gravadas em uma coroa de ouro: “SANTIDADE AO SENHOR” (Ex 28:36). Aqui estava um homem que parecia diferente, que soava diferente e que se movia de maneira diferente dos demais. A santidade de Arão é um tipo da santidade de Cristo, nosso Grande Sumo Sacerdote, que é “santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores” (Hb 7:26). A santidade dos filhos de Arão tipifica o sacerdócio de todos os crentes, “um sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1Pe 2:5). Se houver algo da glória e beleza de Cristo em nós ao servirmos na igreja, pareceremos e soaremos diferentes, e procuraremos revestir-nos “do Senhor Jesus Cristo, e não tendais cuidado da carne em suas concupiscências” (Rm 13:14).

A Santa Presença

Quando Arão adentrava pelo véu uma vez por ano no Dia da Expição, ele tirava suas vestes sumo sacerdotais para que não houvesse nada de glória externa. Ao entrarmos na santa presença de Deus, também devemos

ser despojados de nós mesmos e limpos de qualquer contaminação da carne. Quando Isaías viu a glória de Cristo antes da Sua encarnação, ele ouviu o “padrão de ouro” dos serafins: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos exércitos” (Is 6:3). Ele respondeu: “Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros” (v5). Paulo exorta Timóteo: “Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contendas” (1Tm 2:8). A santa presença de Deus requer pessoas santas com mãos santas agindo em obediência à Sua Palavra.

O Templo - Um Santuário Glorioso

Uma Reunião Santa

Nós nunca lemos sobre Salomão construindo “um templo”, mas sim “uma casa para Deus”, chamada “a casa santíssima” (2Cr 3:8), em contraste com as outras casas que ele construiu. A glória de Deus encheria somente um lugar que Deus havia escolhido para colocar Seu nome, e “resolveu Salomão edificar uma casa ao nome do Senhor” (2:1). Obede-Edom teve a arca em sua casa por três meses (2Sm 6), mas a glória “shekinah” de Deus nunca habitou ali, pois era uma casa ligada ao nome de Obede-Edom. Enquanto muitas igrejas do primeiro século se reuniam em casas, a esfera da casa e a esfera da igreja eram mantidas distintas. Nós também devemos guardar a santidade que Deus atribui à igreja local, mantendo-a distinta da esfera do lar, especialmente num mundo de “Zoom” onde a distinção pode ser obscurecida e a singularidade de Cristo em nosso meio é perdida.

Uma Medida Santa

O Monte Moriah é considerado o terceiro local mais “sagrado” do Islã, mas não de acordo com o “padrão de ouro” de Deus. Moriá é santo porque Deus o escolheu, marcou-o em Gênesis 22, e o preço total foi pago por Davi pelo local em 2 Samuel 24:22. O imenso altar de bronze que dominava a entrada do templo impressionava qualquer visitante, indicando que aquele era um povo que sacrificava a um

só Deus. Quando as pessoas vêm entre nós, precisam estar cientes do quanto amamos pregar, orar e proclamar a morte de Cristo. A medida do altar era de 20 côvados quadrados, o tamanho exato do lugar santíssimo, ensinando-nos que as exigências da santa justiça de Deus eram perfeitamente satisfeitas pelas dimensões do altar de bronze. Claro, o tipo sempre fica aquém, e nunca poderemos mensurar o Calvário e os sofrimentos de Cristo. Mas nos regozijamos porque, como resultado de Sua obra consumada, temos “ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus... um grande sacerdote sobre a casa de Deus” (Hb 10:19-21).

Uma Mensagem Santa

Quando a arca foi colocada no templo de Salomão, restava apenas a lei dentro dela; mas Pedro diz que “a palavra do Senhor permanece para sempre” (1 Pe 1:25). A Palavra de Deus foi o projeto tanto do tabernáculo quanto do templo, e ainda é a única maneira de estabelecer o fundamento de Cristo em qualquer assembleia. Escrevendo à igreja em Corinto, Paulo lembrou aos santos que o fundamento era Cristo; portanto, eles deveriam prestar atenção em como construiriam sobre ela (1Co 3:10). Que possamos sempre dar às sagradas Escrituras o devido lugar em nosso meio, seja em reuniões com crianças seja na obra do evangelho, porque são “as sagradas letras que podem fazer-te sábio para a salvação” (2 Tm 3:15).

Uma Marca Santa

Ao longo da história do templo, de Salomão a Zedequias, cada rei deixou sua marca na casa de Deus. Alguns, como Acaz, a profanaram e desceram as pias até o nível da rua, enquanto outros, como Ezequias, as consertaram e restauraram a santidade da casa. Que marca deixaremos na casa de Deus por meio de nosso comportamento, atitude e serviço? Que possamos entender com zelo renovado que “a santidade convém à tua casa” (Sl 93:5), para que, como sacerdotes, possamos “adorai o Senhor na beleza da sua santidade” (Sl 29:2).

CHAMADO À SANTIDADE

Respondendo a suas notificações

Shawn St. Clair

Você tem uma chamada perdida? Se o seu telefone for como o meu, algumas ligações vão direto para o correio de voz. Sem minhas notificações na tela de bloqueio, eu não saberia que alguém tentou entrar em contato comigo.

Uma notificação de chamada aparece em 2 Timóteo 1:9, alertando-nos de que “aquele que nos salvou... nos chamou”. Observe como está enquadrado. Acima dela vemos que Deus “nos salvou” (v9), e abaixo encontramos “vida e incorrupção” (v10). Essas verdades se destacam para nós como cristãos: nossos pecados são perdoados e temos a vida eterna. Mas há muito mais na vida do cristão do que escapar do julgamento e ir para o céu. Entre essas duas grandes bênçãos aparece uma terceira: Deus “nos chamou com uma santa vocação” (v9). Como as notificações no meu telefone, essa verdade vibra e ressoa por toda a Escritura. Claramente nós, como povo de Deus, precisamos ser constantemente lembrados de um chamado muito importante.

Quem Chamou?

Quando você dá uma olhada nas suas notificações, o que você procura? Você olha para ver quem ligou. Por quê? Porque seu relacionamento com a pessoa que chamou geralmente decide a importância da ligação. Pedro nos diz que aquele que nos chamou é aquele que chamamos de “Pai”, e Ele já está em nossos contatos porque “vocês o invocam” (1Pe 1:17). De todos os nossos relacionamentos, nenhum é tão significativo ou tão precioso quanto o que temos com esse interlocutor. Isso torna Seu chamado o mais importante de todos.

Sobre o Que é Esta chamada?

Ele “nos salvou e nos chamou com uma santa vocação” (2 Tm 1:9). A palavra traduzida como “chamado” pode ser definida como “um convite para uma experiência de privilégios especiais e responsabilidade.” Nossa “santa vocação” não é somente Deus nos dizendo que devemos tentar viver da forma mais santa possível. Foi um convite que recebemos



com nossa salvação, para experimentar a vida como deveria ser experimentada. É a “convocação enobrecedora” de Deus para viver de modo consistente com sua natureza santa. É um chamado que capacita para “uma nova qualidade de vida”, vivida em rica comunhão com Deus. Que privilégio e que responsabilidade!

Por que Santidade?

Nosso interlocutor disse: “Eu sou santo” (1 Pe 1:16). E já que Ele nos aproximou de Si mesmo por meio da salvação, não é surpresa que Seu plano e expectativa seja que “sereis santos, porque eu sou santo” (v16). A vida do cristão só pode ser vivida de forma expressiva se ele está em comunhão com Deus, e isso envolve viver de acordo com o Seu caráter. Paulo escreveu que “Deus não nos chamou para a imundícia, mas para a santificação” (1 Ts 4:7). A imundícia, em seu sentido mais amplo, é tudo o que não tem compatibilidade com Deus. Ele não nos salvou e nos chamou para esse tipo de vida. Ele nos chamou para dentro da esfera da santidade, onde podemos viver para a Sua glória, e onde Ele nos transforma à medida que apreciamos e modelamos nossas vidas segundo Cristo (2Co 3:18).

Como Podemos Responder?

Atender a nossa chamada é simples. “não

vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver” (1Pe 1:14-15). Nosso Pai é quem chama, e devemos responder a Ele “como filhos obedientes” (v14). E a santidade para a qual Ele nos chamou não é apenas durante nosso tempo em particular com Ele, ou apenas relativo aos nossos pensamentos e desejos; é “em toda a vossa maneira de viver”. Isso significa santidade em cada ação e aspecto de nossa vida diária. Paulo enfatizou aos tessalonicenses que nosso chamado inclui “que vos abstenhais da prostituição, que cada um saiba possuir o seu vaso em santificação e honra” (1 Ts 4:3-4). Ao escrever a Timóteo, Paulo associou nossa santa vocação a não nos “envergonharmos do testemunho de nosso Senhor”, e a participarmos juntos “nos sofrimentos pelo evangelho segundo o poder de Deus” (2 Tm 1:8). E sabemos que o Espírito de Deus nos mostrará onde há necessidade de maior santidade em nossas vidas, capacitando-nos a lidar com a impureza (Rm 8:13).

As notificações são claras e inevitáveis – fomos chamados. Aquele que é Santo nos chamou para uma vocação santa. Agora a pergunta é: como vamos responder hoje?



O PRIVILÉGIO DA SANTIDADE

Roger Fraser

Quando consideramos o assunto da santidade e os privilégios que ela traz para cada filho de Deus, temos muito a agradecer. Pode haver uma tendência em muitos crentes de ver a santidade como um estado que alcançamos seguindo um conjunto de valores e normas – “Eu não posso...” ou “Não tenho permissão para...” – reduzi-la ao resultado de uma ordenança centrada no ser humano (Gl 3:3; Cl 2:20-22). Para outros, a meta da santidade é alcançada por uma vida de isolamento do mundo, extrema autodisciplina e abstinência de se entregar a coisas prazerosas. Por mais nobre que uma vida assim possa parecer, esta não é a posição privilegiada de santidade para a qual todo cristão foi trazido e chamado a desfrutar.

A Maravilha de Nossa Posição Privilegiada

Para apreciar nosso privilégio dado por Deus como “santos”, marque a distinção que o Novo Testamento faz entre o que somos em Cristo e o que devemos ser no mundo. Nosso privilégio tem a ver com o primeiro e diz respeito à nossa posição – “nos lugares celestiais em Cristo” (Ef 1:3). O último está relacionado à nossa condição aqui “no mundo” (Jo 13:1; 16:33; 17:11). Essa distinção precisa ser guardada na mente quando lemos que os crentes são chamados de “santos irmãos” (Hb 3:1), mas recebem a exortação: “sede santos” (1Pe 1:15). Da mesma forma, todos os cristãos foram “santificados” (At 20:32; 1 Co 1:2; 6:11; Hb 10:10,14), mas devemos viver “em santificação” e “santidade” (1 Ts 4:3 -7).

No momento em que recebemos Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador, Deus nos

santificou e nos separou para Si mesmo pelo Espírito Santo com base na morte de Cristo por nós (1Co 6:11; Hb 10:10). É uma posição imutável, espiritual e eterna na qual todo cristão entra ao “nascer de novo” (Jo 3:3) e ser criado de novo (2 Co 5:17; Ef 2:10) – esteja ele ou ela ciente disso ou não. Quando estamos “em Cristo” (Rm 8:1; Ef 1:3; Fp 1:1), é Deus, e não o homem, que nos concede o título de “santos” (Rm 1:7; Ef 1:1; Fp 1:1).

Esta notável posição não pode ser melhorada ou alterada por qualquer coisa, seja o que for. Ela está baseada em uma obra consumada que resistirá ao teste do tempo (Jo 19:30; Hb 10:12,14). Por essa razão, lemos que “fomos” ou “temos sido santificados” (1Co 6:11; Hb 10:10), uma ação concluída com resultados contínuos até o presente. Nossa posição é de “escondidos com Cristo em Deus” (Cl 3:3), sendo Cristo “mais sublime do que os céus” (Hb 7:26) e assentado “à destra de Deus” (Cl 3:1). Além disso, Deus “nos ressuscitou com ele e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2:6). Nessa posição santa, somos “perfeitos nele” (Cl 2:10), “agradáveis a si no Amado” (Ef 1:6) e amados com o mesmo amor que o Pai tem por Seu “Filho amado” em quem Ele tem “todo o prazer” (Jo 17:23; Mt 3:17).

*Tão perto, bem perto de Deus,
Mais perto não posso estar;
Pois na pessoa de Seu Filho
Tão perto estou quanto Ele está.*

*Tão amado, bem-amado por Deus,
Amado até ao fim;
O amor com que Ele ama o Filho;
É o mesmo que tem por mim.*

Portanto, a santidade não é um estado

de espírito em que eu cresço. Não é um sentimento ou emoção, nem uma bênção a ser alcançada. Pelo contrário, é uma posição íntima e privilegiada em que devemos permanecer e desfrutar. É operada por Deus posicionalmente, e devemos buscá-la condicionalmente.

A Realização de Nossa Posição Privilegiada

Desfrutar da realidade prática de nossa santificação posicional exige disciplina e fé, a mesma fé mediante a qual confiamos em Deus para a salvação. Em primeiro lugar, devemos nos separar do pecado, do eu e do mundo, reconhecendo (ou considerando verdadeiro) que morremos com Cristo (Rm 6:3; Gl 2:20a; Cl 3:3a) e nos rendemos a Deus por meio da santa vida do Cristo ressurreto (Rm 6:11-13; 2Co 4:11; Gl 2:20b; Cl 3:4a). Essa é a fonte energizante da vida tornada real pelo Espírito Santo habitando em cada cristão (Jo 14:16,17; 1 Co 6:19; Ef 1:13,14).

Em segundo lugar, ao colocar nossa “afeição nas coisas de cima, e não nas coisas da terra” (Cl 3:2), devemos nos apropriar de tudo o que somos “em Cristo” como “uma nova criação” (2Co 5:17) por meio do exercício da fé. Ao “renovar” nossas mentes (Rm 12:2; Ef 4:23) com essas verdades, a fé nos permite experimentar uma transformação contínua – santificação prática (1Ts 4:3,4), conformidade com Cristo (2Co 3:18), e a realização da boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12:2b).

O Prazer e o Propósito de Nossa Posição Privilegiada

Um dos prazeres de Deus é habitar entre Seu povo e receber adoração (Ef 2:22; Jo 4:23; Ex 25:8). Mas, embora o desejo de Deus de habitar entre Seu povo por toda a eternidade seja uma verdade bem aceita (Jo 17:24; Ap 21:3), a verdade de que temos “ousadia para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus” (Hb 10:19-22) aqui e agora é simplesmente incompreensível! “Quem estará no seu lugar santo?” (Sl

24:3). Santificados “em Cristo” - esses estarão! Também são impressionantes as verdades de que os cristãos reunidos em um testemunho local são tanto “o templo de Deus”, onde habita “o Espírito de Deus” (1 Co 3:16), quanto um “sacerdócio santo” cujos “sacrifícios espirituais” são “aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (1Pe 2:5). Sempre teremos um profundo sentimento de incapacidade para estar diante de um Deus santo e abrir nossas bocas. Anime-se, companheiro santo, nós somos “aceitos no amado!” Portanto, vamos pela fé nos apegar ao privilégio dado por Deus de “oferecer o sacrifício de louvor” (Hb 13:15) e adorá-lo no “esplendor da santidade” (Sl 29:2).

E não termina aqui. Deus nos separou, em Cristo, para Seus propósito soberano. Da mesma forma que podemos separar porcelanas finas para ocasiões especiais, Deus “nos salvou e nos chamou com uma santa vocação... segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos” (2 Tm 1:9). “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras” (Ef 2:10). E embora Deus possa usar os ímpios (por exemplo, Jr 27:6; Hc 1:6), são apenas aqueles “em Cristo” que têm a oportunidade de serem “um vaso para honra, santificado e útil para o uso do mestre, e preparado para toda boa obra” (2Tm 2:21). Os homens podem considerar uma honra servir a um rei terreno; quão superior é o privilégio de servir ao nosso bendito Senhor Jesus Cristo!

E se os privilégios de santa adoração e serviço não forem suficientes, pense nisto: cada ato de fé do serviço cristão, de acordo com a Sua vontade, receberá um galardão (Mt 5:12; 10:42; 1Co 3:14; Cl 3:24). Isso é incompreensível! Que Deus nos ajude a “prosseguir para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:14).

APTO PARA VIVER UMA VIDA SANTA

Peter Higgins

Você provavelmente já admirou a grande quantidade de veículos elétricos enfeitando as avenidas e voando baixo pelas estradas. Eles têm um design futurista, são silenciosos em sua ausência de combustão, e ainda revelam uma potência oculta com aceleração instantânea. Não é de se espantar que tenham inspirado um grupo de admiradores. E, no entanto, é ridículo mostrar que sua verdadeira fonte de energia é a eletricidade produzida em uma usina movida a carvão. Alguém diria que são os maiores veículos movidos a carvão desde que os barcos a vapor dominaram o Mississippi e as locomotivas a vapor cruzaram o continente. Em um nível espiritual, a pessoa espiritual acha grande admiração ao testemunhar a santidade em ação na vida de um outro companheiro cristão. Na verdadeira santidade há testemunho para um propósito miraculoso e celestial; há humilde quietude do movimento divinamente dirigido, e há evidência de um poder real e eterno operando internamente.

É o Pai quem ordena esta necessidade de ser santo, “porque está escrito: Sede santos; porque eu sou santo” (1Pe 1:16). Foi Cristo quem comprou nossa redenção e nos transformou de uma vida de pecado para uma vida de santidade. E é o Espírito Santo que possibilita o desenvolvimento da santidade na vida do cristão.

A Obra do Espírito Santo é Evidente na Salvação

O cristão olha para trás com gratidão pelo trabalho do Espírito por trazer a convicção do pecado e a necessidade de

salvação. Quão maravilhoso foi quando, em nosso momento de maior necessidade, a suficiência de Cristo nos foi revelada em Sua obra no Calvário! Paulo descreveu assim: “Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente ele derramou sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador”. (Tt 3:5-6). As Escrituras deixam claro que desfrutamos de salvação, regeneração e santificação.

Este trabalho de transformação continua em nossas vidas hoje, enquanto aguardamos nosso aperfeiçoamento futuro: “Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra há de completá-la até ao dia de Jesus Cristo.” (Filipenses 1:6). Isso não implica nenhuma insuficiência na obra do Espírito Santo na regeneração. Paulo testifica: “Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2Co 5:17). Na salvação há verdadeiramente um novo nascimento e uma completa renovação espiritual. No entanto, o que é verdade para nós espiritualmente será verdade para nós em tudo. Assim, o Espírito Santo está trabalhando para capacitar nosso corpo e alma, nossa mente, nossa vontade e nossas emoções para obedecerem às reivindicações da santidade. “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5:23).

O Desenvolvimento da Santidade Requer Convicção do Pecado

Em sua primeira epístola, João adverte os santos de que há muitos falsos espíritos trabalhando no mundo, tentando enganar, escravizar e incitar a rebelião contra Deus. Quão confortante é a instrução de Paulo: “Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus” (1 Co 2:12). O Espírito Santo renovou nossa consciência e escreveu a lei de Deus em nossos corações, e Ele pacientemente nos chama para sermos um povo santificado em um mundo corrompido e impuro. Paulo expressa esse conflito com muita propriedade: “Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço, mas o que aborreço, isso faço.” (Rm 7:15 ARC). O mundo não sabe nada da batalha que o cristão enfrenta neste processo de refinamento; os não convertidos são, infelizmente, ignorantes em relação a isso, pois não conhecem o Espírito Santo. O Senhor Jesus ensinou isso aos discípulos quando disse: “O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós” (Jo 14:17).

A Exortação à Santidade Requer a Iluminação da Escritura

Como Ele reside dentro de nós, o Espírito Santo está ligado de modo indissolúvel à revelação da Palavra de Deus. Em algumas das primeiras palavras canônicas escritas para a igreja nos primeiros dias, Tiago exortou: “Pelo que, rejeitando toda imundícia e acúmulo de malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar a vossa alma.” (Tg 1:21). Na escola da santidade, o Senhor Jesus já havia deixado isso claro: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto

vos tenho dito” (Jo 14:26). É emocionante traçar essas linhas da graça por meio do livro de Atos e testemunhar as promessas do Salvador trazidas à vida nas experiências de Seus primeiros seguidores.

O Objetivo da Santidade é a Conformidade com o Senhor Jesus Cristo

“Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências” (Rm 13:14). Já consideramos a obra do Espírito Santo convencendo do pecado e nos compelindo a vivermos em obediência à Palavra de Deus. O desejo de Deus para nós é que sejamos uma demonstração viva de Cristo neste mundo pecaminoso. Paulo nos lembra que o Espírito Santo é o poder invisível que torna isso possível: “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” (2Co 3:18).

Ao escrever isso, Paulo revelou o que ele estava vivenciando. Se temos de ser santos, será por meio da capacitação do Espírito Santo. É instrutivo ver que a palavra grega para “capacitação” no Novo Testamento é usada pela primeira vez em relação à Paulo. Como um cristão recém-convertido, Paulo foi capacitado para pregar a Cristo aos judeus na sinagoga de Damasco (At 9:22). Seguem-se mais dessas “capacitações”: os cristãos de Éfeso são capacitados a permanecerem fiéis, enquanto Paulo é capacitado a suportar qualquer mudança de circunstância (Ef 6:10; Fp 4:13). Paulo é capacitado para cumprir seu ministério, e Timóteo é capacitado para continuar a obra (1Tm 1:12; 2Tm 2:1). Finalmente, Paulo é capacitado a permanecer fiel mesmo quando está sozinho (2 Tm 4:17). Nós também, por meio da capacitação que Ele nos dá, somos exortados à santidade.

SEJA O QUE VOCÊ É EM CRISTO

Matthew Cain

O evangelho é grandioso, não é? Uma das muitas bênçãos que devem advir aos cristãos por meio do evangelho de Cristo é que temos sido santificados; em outras palavras, somos santos. Isso não significa que já somos perfeitamente semelhantes a Cristo ou que não lutamos mais contra o pecado. Nesse contexto, refere-se à nossa condição, ou posição, “em Cristo”. Como os cristãos que compunham a igreja de Deus em Corinto, apesar de suas lutas e fracassos, nós fomos “santificados em Cristo Jesus” e agora somos chamados de “santos” (1Co 1:2). O chamado para sermos santos é um chamado para sermos o que somos em Cristo.

Compreenda Quem Você É em Cristo

Embora o Senhor Jesus tenha se tornado como nós, Ele também permaneceu diferente de nós (Hb 4:15). Ele viveu uma vida perfeitamente santa e continua fazendo assim; nós não fazemos. No entanto, desde o primeiro momento em que confiamos em Cristo por meio da mensagem do evangelho, Deus nos vê “em Cristo”; nossa posição em Cristo é a de sermos santificados. “Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram, e eis que tudo se fez novo!” (2Co 5:17). Não precisamos nos tornar uma nova criação; pois Cristo já o fez. Nossa posição em santidade depende de termos sido unidos a Cristo. “Qualquer coisa que nos ocupe de modo a nos

afastar de nossa aprovação e crescimento é um obstáculo, mesmo que seja algo aparentemente tão excelente quanto o trabalho. É um momento maravilhoso para o cristão quando pela fé ele ocupa sua posição no favor de seu Pai – quando sabe que é recebido por Ele em toda a aceitação do Senhor Jesus Cristo. Ele então não pensa em si mesmo, ou em seu mérito, de forma alguma. Ele pensa no Senhor Jesus.” Compreender e valorizar nossa posição diante de Deus “em Cristo” é vital para a vida cristã, porque a santidade tem total relação com a união com Cristo.

Seja o Que Você é Em Cristo

Uma vez que entendemos nossa identidade em Cristo, estamos mais bem equipados para vivermos em santidade prática. A vida cristã tem a ver com a verdade do evangelho que nos concedeu uma posição santificada. Em outras palavras, precisamos ser o que já somos em Cristo. Observe, por exemplo, que Efésios 1:1 chama os cristãos de “santos” e, então, quando a epístola se volta para instruções mais práticas no capítulo 4, os cristãos são exortados a “andar de modo digno da vocação que recebestes” (v1). Porque Deus nos chamou de santos, Ele é justo em nos chamar para vivermos como santos em nosso comportamento.

Permanecer (Habitar) Em Cristo

Mas aqui está a chave que muitas vezes é negligenciada quando buscamos a santidade. Assim como nossa posição

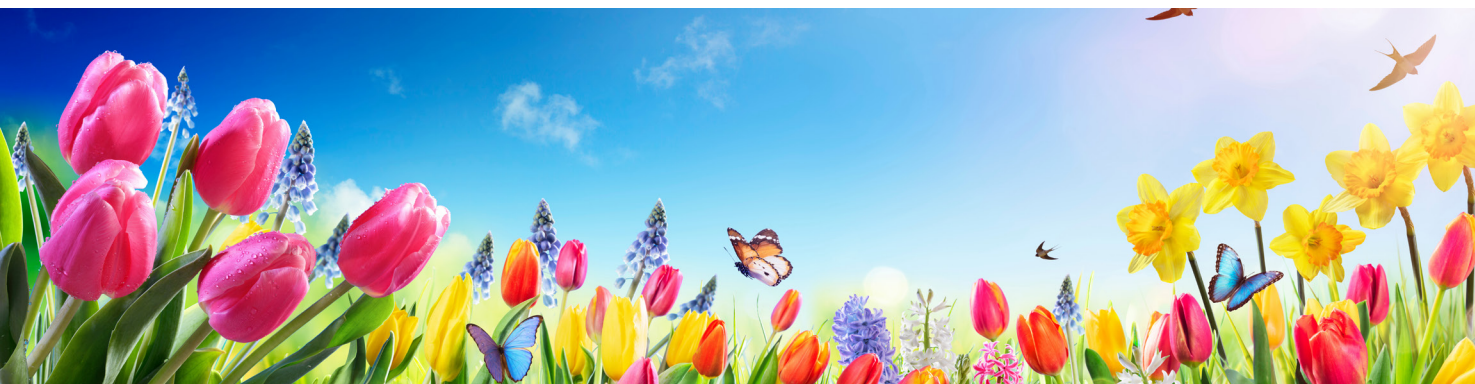
santa diante de Deus tem tudo a ver com a união com Cristo, o mesmo acontece em relação ao nosso crescimento prático em santidade. “A santidade não é o caminho para Cristo, mas Cristo é o caminho para a santidade” (Charles H. Spurgeon). Assim como não poderíamos alcançar nossa posição em Cristo por nosso próprio mérito ou por nossa carne, também não podemos crescer em santidade por nosso próprio mérito ou por nossa carne. É impossível sem a união com Cristo.

É por isso que o Senhor Jesus usou a figura da videira e dos ramos em João 15: “Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer.” (vv4-5). João 15 não está cogitando a possibilidade de os cristãos perderem a vida eterna, mas está ensinando que a maneira de, na prática, dar frutos para Deus é, na prática, permanecer (ou morar, habitar) em Cristo. E permanecer em Cristo é ser como um ramo ligado à videira, extraindo sua vida e sustento da videira, dependendo da videira, desfrutando de uma união vital com a videira. Isso significa obedecer a Cristo e apreciar o tempo em comunhão com Ele. Não podemos crescer em santidade desvinculados da união prática com Cristo. Como nosso Senhor disse

acima: “Sem mim nada podeis fazer”.

Mas, por meio da comunhão com Cristo, Deus, o lavrador, garantirá que haja frutos em nossas vidas. No cenário de João 15, o fruto é principalmente o desenvolvimento do caráter de semelhança com Cristo, incluindo a santidade. Um coração que se deleita em Cristo, um desejo de conhecê-lo mais intimamente, meditando sobre Ele nas Escrituras, uma vontade entregue à obediência a Seus mandamentos - se estivermos ocupados com Cristo dessa maneira, nossa vida crescerá gradualmente à sua semelhança. A santidade tem tudo a ver com a união com Cristo.

Amado filho de Deus, você, no presente tempo, está permanecendo em Cristo? Você está aprendendo mais sobre Sua graça ao passar tempo com Ele em oração e na Palavra? Você está vivendo em feliz comunhão com Ele? A boa notícia é que você pode! Você realmente pode, porque Deus o aceitou em Cristo. Você foi unido a Ele por fé e, embora você nem sempre tenha vivido no poder dessa união, sua posição de ser santificado “em Cristo” nunca mudou. Então você pode ser o que você é – um santo – permanecendo ocupado com o santo Senhor Jesus e seu relacionamento com Ele.



MOTIVAÇÕES PARA SANTIDADE

Frank Sona

Os palestrantes motivacionais seculares procuram fazer com que as pessoas se tornem o seu “melhor”, por vários motivos. Títulos de livros como “Faça Por Você Mesmo” e “O Seu Poder” dizem e vendem a ideia de que tornar-se o seu melhor está centrado no que você pode fazer e no que pode fazer por si mesmo. Mesmo nos chamados círculos cristãos, o livro best-seller de Joel Osteen, *Sua Melhor Vida Agora*, promove o mesmo conceito falso e enganoso. Deus, em contraste, chamando Seu povo para viver uma vida santa à semelhança de Cristo, não está nos motivando com a promessa de liberdade financeira, popularidade ou uma promoção da autoimagem. Em vez disso, Deus está nos ordenando a sermos semelhantes a Ele, amoldando-nos ao Seu caráter pelo qual Ele fez e fará a nós, com nós e através de nós, para Sua glória. “Sede santos; porque eu sou santo” (1Pe 1:16). Em contraste com a frustrante motivação mundana para si e por si mesmo, a motivação que temos de Deus para vivermos vidas santas não apenas garante a melhor vida agora, mas também na eternidade por vir.

Paulo afirma em 1 Tessalonicenses 4:3: “Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação”. Nos termos mais simples, Deus nos dá Sua vontade. A.W. Tozer chamou a santidade de “busca”, e de fato ela é, pois embora tenhamos sido santificados posicionalmente, isso é na prática, uma busca diária. “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14). Mas qual é a motivação ou as razões para buscar a santificação?

Amor

O amor é o centro a partir do qual todos

os discursos da verdade que nos motivam à santidade se conectam. É o propósito de Deus “que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor” (Ef 1:4). O Senhor desafiou Pedro três vezes: “Tu me amas?” (Jo 21). Da mesma forma, somos desafiados e motivados pela declaração do Senhor Jesus: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda este é o que me ama” (Jo 14:21).

Mas, uma olhada em 1 Pedro 1:16-21 fornece outras motivações para sermos santos.

Redenção

Nós somos redimidos “com o precioso sangue de Cristo” (1Pe 1:19). A redenção é uma compra: “Não sois de vós mesmos... fostes comprados por bom preço” (1Co 6:19-20). Cristo sofreu e morreu para fazer essa compra redentora. Nós pertencemos a Ele; portanto, Deus tem todo o direito de exigir santidade. A redenção também nos colocou em um relacionamento. Pelo novo nascimento nós fomos feitos “participantes da natureza divina” (2 Pe 1:4). Redimidos para Deus, pagos pela morte de Cristo, nascidos em Sua família tornando Deus nosso Pai, e nossos corpos agora um templo do Espírito Santo – tudo isso deve nos motivar tremendamente. Quando reconhecemos Seus direitos e, assim, desejamos viver uma vida santa, isso agrada a Deus.

Gratidão

Mesmo em um nível puramente humano, a gratidão é um dos maiores incentivos. Pessoas serão agradecidas por aqueles que deram e fizeram por elas - quanto mais nós, que somos libertados eternamente da ira e do perigo, por nosso Substituto que tomou nosso lugar! Quão gratos e bem-agraçados

somos a Deus que deu Seu único Filho? Quão agradecidos somos por Aquele que é “nosso Cordeiro”? Ele nos libertou da tirania do pecado e de Satanás e nos deu a vida eterna. Pode ser que fiquemos apegados a este mundo e assim perdemos de vista esta maravilha. A gratidão a Deus será evidenciada por uma vida santa e consagrada em amor e obediência ao Senhor. Mesmo as escolhas que fazemos serão magneticamente movidas pela gratidão, na bússola de uma vida para Deus, apontando-nos para fazer o que mais O agradar.

Estrangeiros

Pedro escreve sobre passar pelo “tempo de sua peregrinação aqui” (1 Pedro 1:17). Este mundo não é nosso lar; nós não pertencemos a este lugar. Que motivação é vivermos para um mundo vindouro que é eterno e em direto contraste com este em que vivemos agora. Quanto mais compreendermos o fato de que estamos apenas “de passagem”, será menos provável que nos apeguemos a este mundo, a suas atrações e a seus caminhos.

Reverência e Julgamento

Mas Pedro acrescenta: “Passe o tempo de sua peregrinação aqui com temor” (v17). Dar a Deus Seu lugar de direito em temor e reverência é um requisito integrante, inseparável para a santidade. Ter uma visão de Deus de forma casual ou com desdém nos leva a vivermos egoisticamente sem uma perspectiva eterna. Temor e reverenciar a Deus nos ajudará a vivermos vidas santas e sábias. “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10).

A obra de todo homem é julgada sem parcialidade. Pedro nos lembra que o Pai, “sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um” (1 Pe 1:17). Que motivador! Avaliação e prestação de contas a Deus são coisas sempre importantes, a serem mantidas à nossa vista. O fato de Seu julgamento ser imparcial é também uma motivação maravilhosa. Hoje, há tanta parcialidade no julgamento de maneira que vários grupos

são posicionados com base em distintos favoritismos ilegítimos, preconceituosos e sociais. Deus é absolutamente santo e, portanto, puro e imparcial. Seu julgamento é justo.

Pedro escreveu aos santos que mostraram Deus em Sua santidade a um mundo pecaminoso. Assim, a sociedade os oprimia e os censurava. Aqueles cristãos não buscavam as mesmas coisas que os ímpios, nem seus estilos de vida refletiam um mundo condenado em seus desejos. Eles reconheceram que este mundo está debaixo do juízo de Deus. A vida no Titanic naufragando não era para eles! Temos esta mesma visão do mundo? Este mundo ainda é o mesmo; nada mudou.

Este julgamento tem dois aspectos: presente e futuro. No presente, somos responsáveis perante nosso Pai por viver uma vida fiel e santa. Nessa passagem, não é tanto o amor do Pai que é enfatizado, mas sua disciplina, que é, na verdade, uma operação de seu amor. A bênção de Deus coroará uma vida santa. Há capacitação espiritual e iluminação desde agora para o santo que vive uma vida santa. Um cristão que escolhe viver para si mesmo pode incorrer em castigo, bem como na falta de poder, discernimento e direção espirituais. Como Ló, escolhas erradas serão feitas. Como aqueles que Paulo usou para ilustração em 1 Coríntios 10:5, “Deus não se agradou da maior parte deles”, tal declaração também pode ser escrita sobre essas vidas. Mas também há recompensa futura no tribunal de Cristo para nos motivar. Todo homem prestará contas a Deus e receberá galardão duradouro, eterno, por uma vida vivida para Deus em santidade. Viver uma vida santa traz benefícios tanto agora quanto na eternidade. Portanto, como o maravilhoso hino nos diz ao ecoar o mandamento e o desejo de Deus: “Reserve um tempo para ser santo”. A motivação é grande e os benefícios e bênçãos são, por fim, de outro mundo.

SANTIDADE

MINHAS VESTES ESPIRITUAIS

Don Draper

Do jardim do Éden em Gênesis ao estado eterno em Apocalipse, há muitas menções interessantes de roupas na narrativa bíblica. A maioria se refere às roupas físicas vestidas por personagens cativantes nas Escrituras, suas roupas desempenhando, muitas vezes, um papel importante na história (por exemplo, José). Mas a Bíblia também usa roupas como metáfora, seja de nossa pecaminosidade (Is 64:6) seja de nossa santidade (Ap 3:4). Para um cristão, a roupa fornece uma ilustração útil para entender a verdadeira natureza da santidade em nossas vidas e como a exibimos de forma prática diante de Deus e de outras pessoas.

Vamos responder a algumas perguntas frequentes sobre roupas físicas, que podem nos ajudar a entender a roupa espiritual que vestimos e a santidade que ela demonstra.

O Que Eu Deveria Vestir? – A Roupa Permanente Que Deus Provê

Essa questão geralmente surge quando você se prepara para a escola, o trabalho ou uma reunião da igreja. É importante se vestir adequadamente para a ocasião.

“O que eu devo vestir?” também é uma boa maneira de formular a questão final da minha condição espiritual diante de Deus. Felizmente, na salvação, além do perdão, regeneração, livramento do juízo e inúmeras outras bênçãos, Deus nos santificou, vestindo-nos com as vestes de salvação (Is 61:10). Isso é figurado em algumas cenas familiares em toda a Bíblia. Lembra como Adão e Eva receberam “túnicas de pele” fornecidas pelo Senhor (Gn 3:21)? No Novo Testamento, o Senhor Jesus falou sobre o filho arrependido receber a “melhor roupa” de

seu pai (Lc 15:22). Paulo expõe essa verdade ensinando que na conversão, embora poucos de nós percebamos isso, nós “nos revestimos do novo homem” (Ef 4:24) e “nos revestimos do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13:14). Podemos dizer, nesse sentido, que a santidade é a roupa espiritual que vestimos. Ela é uma permanente e perfeita vestimenta que nunca fica suja, desgastada ou fora de moda!

Ela Serve? – A Roupa Aperfeiçoada Que Possuímos

Além de usar o tipo certo de roupa, o correto ajuste também é essencial.

Talvez outra maneira de considerar nossa vestimenta permanente de salvação é que ela é perfeitamente “ajustada” para nossa necessidade espiritual. Embora satisfaça plenamente, de maneira geral, a condição que todos temos como pecadores, também, de maneira muito pessoal, ela é “feita sob medida” para satisfazer nossa necessidade como indivíduos. A salvação, nesse sentido, não é de “tamanho único”. Ela lida especificamente com todas as formas exclusivas e complicadas pelas quais o pecado tem afetado cada um de nossos corações, mentes, emoções, personalidades e vidas. Algumas dessas questões podem muito bem levar uma vida inteira até ficarem totalmente expostas e tratadas de forma prática, mas a salvação é perfeita e individualmente “ajustada” para ajudar a cada um de nós neste processo.

Como Estou? – As Roupas Práticas Que Apresentamos

Dependendo de quem está perguntando (e respondendo), muito cuidado deve ser tomado ao responder a essa pergunta carregada. Às

vezes, porém, é bom ter outra opinião sobre as roupas que estamos vestindo, porque elas refletem o que pensamos sobre nós mesmos e afetam nossa apresentação aos outros.

A Bíblia também usa a mesma analogia do uso de roupas para nos ensinar sobre a demonstração prática de santidade em nossas atitudes e comportamento. Ela se concentra em nossa responsabilidade pessoal e exigirá duas ações opostas e necessárias.

Retirando a Vestimenta

Paulo, assim como Pedro, Tiago e o escritor de Hebreus, usa “tirar” ou “despojar” não apenas para descrever o que Deus fez por nós na conversão, mas também o que nós, como cristãos, devemos fazer agora para despojar nossas vidas de tudo o que é impuro. Não é agradável considerar isso, mas é necessário. Paulo, falando aos cristãos em Romanos 13:12, refere-se a “obras das trevas”; no versículo 13, ele detalha ainda mais essa frase como sendo imoralidade sexual, vícios carnis, contendas e invejas. Em Efésios 4:22, ele diz aos cristãos que eles “se despojaram de seu velho eu” na conversão, mas agora eles devem deixar a mentira, o roubo e a conversação torpe (vv25-31). Em Hebreus, talvez pensando nas roupas de um antigo corredor Olímpico, o escritor exorta: “Deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia” (Hb 12:1). Tiago concorda enfaticamente, ordenando-nos a “despojar de toda imundície e maldade desenfreada” (1:21). Finalmente, Pedro lista nossas “roupas velhas” de forma minuciosa e abrangente como “toda malícia, e todo engano, e fingimentos, e invejas, e todas as murmurações” (1Pe 2:1). Essas são as “roupas” que o cristão não deveria usar, todas essas passagens estão salientando a ação direta necessária para tirar essas “roupas”, que são opostas à santidade.

Colocando a Vestimenta

Felizmente, a Bíblia enfatiza o lado positivo e dá instruções claras e completas sobre o que devemos “vestir”. Em Colossenses 3, Paulo

esboça várias atitudes do íntimo para “vestir”: “entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade” (v12). Isso inevitavelmente se expressará em nossas ações na forma de “suportar uns aos outros” (v13), “perdoar uns aos outros” (v13) e, finalmente, “acima de tudo, revestir-se do amor” (v14). Ele resume dizendo: “quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus” (v17). Existe um guarda-roupa completo de atitudes e ações santas prontas para “vestirmos”, que devemos usar todos os dias.

Por Que Eu Preciso Vesti-la? – A Roupas de Proteção que Preserva

Esta pode ser a pergunta de uma criança quando sua mãe insiste que ela deve usar um casaco em um dia frio ou chuvoso. Elas veem isso como um peso, mas a mãe sabe que é para sua proteção.

Se permitir, talvez outro tipo de “roupa” usada em sentido simbólico nas Escrituras seja a “armadura”. Isso nos lembra de outro aspecto vital da roupa de um cristão, projetada especificamente para nossa proteção espiritual e santidade. Paulo primeiro se refere a ela como “a armadura de luz” em Romanos 13 e depois descreve a armadura em Efésios 6 como “toda a armadura de Deus” (v11), que é necessária para nossa sobrevivência no testemunho. Essas várias peças da armadura (especialmente a couraça da justiça) também podem ser apropriadamente descritas como “armadura da santidade”. Eles servem para nos proteger das forças que estão dispostas contra o cristão neste mundo hostil.

O que eu visto literalmente e espiritualmente importa. Na salvação, Deus nos deu uma “roupagem” permanente de santidade que nunca podemos contaminar. Mas cada dia há um “guarda-roupa” de santidade prática e protetora para cada crente “vestir” para a glória de Deus, para um exemplo aos meus companheiros santos, para um testemunho a um mundo pecaminoso e para minha própria preservação.

O TRABALHO ÁRDUO DA SANTIDADE

Jonathan Seed

A jovem nação finalmente alcançava a fronteira da terra que eles receberam a promessa de possuir. Ainda que estivesse chegando ao fim de seu tempo com eles, o líder da nação naquele momento era Moisés. Esta foi sua mensagem final ao povo que ele liderou por tantos anos nas circunstâncias mais difíceis. Os erros da primeira geração estavam frescos em sua mente, e era intenção de Moisés lembrá-los para que não fossem repetidos. Suas palavras finais foram negativas, mas realistas: “hoje, tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra, que certamente perecereis depressa da terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir; não prolongareis os vossos dias nela; antes, sereis de todo destruídos.” (Dt 4:26).

A suposição dos escritores do Antigo Testamento era que a trajetória geral da nação seria marcada pelo fracasso. Não é por acaso que houve apenas um homem do qual se diz que Deuteronômio 6:4-5 foi cumprido: “antes dele (Josias) não houve rei semelhante, que se convertesse ao Senhor com todo o seu coração, e com toda a sua alma, e com todas as suas forças” (2 Reis 23:25). Com isso em mente, é importante notar a mudança de tom no Novo Testamento. Devido às bênçãos de uma nova aliança estabelecida com a nação, haveria um povo que, como Josias, possuiria o poder espiritual para amar o Senhor de todo o coração, alma e força. Este mesmo poder, embora prometido

a Israel e Judá, redundava para nós em Cristo (Jr 31:31-32; Ez 36:26-27). Como resultado, todos aqueles que estão em Cristo vivem uma nova realidade que a nação como um todo não possuía: “E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis.” (Ez 36:27).

Essa nova realidade é o que permite a todos aqueles que estão em Cristo se envolverem no “árduo trabalho da santidade”, para “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria” (Cl 3:5). Sem o Espírito Santo, a obra de “mortificar a carne” seria um exercício legalista em inutilidade. No entanto, o contrário também é verdadeiro. Ter o Espírito e andar segundo a carne é igualmente inconcebível da perspectiva dos apóstolos. Para nós não há desculpa. Todos os que estão em Cristo são levados a andar em Seus estatutos pelo Espírito e, portanto, devem se engajar no trabalho árduo da santidade. Não é mais uma questão de falta de poder espiritual, mas de se engajar no trabalho com o poder que foi proporcionado. Em geral, podemos dividir “o bom combate” em cinco categorias.

Conheça o Propósito - Cristo

É possível viver uma vida inteira na comunhão de uma igreja sem conhecer o propósito principal de sua existência.

Decerto, é difícil definir uma frase que abranja tudo o que o Senhor planejou para nós, mas Filipenses 3:10 chega perto: “para conhecê-lo”. Essas primeiras palavras do manifesto de Paulo são suficientes para focar nossas mentes na tarefa em questão. Não de forma pietista, nem de maneira hipócrita, mas desejamos conhecê-lo para sermos como Ele: “Tu és o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mar 1:11).

Conheça Sua Atitude

Paulo descreve estas três ações fundamentais como uma atitude: “esquecendo-me das coisas que atrás ficam”, “avançando para as que estão diante de mim” e “prosseguir para ao alvo” (Fp 3:13-14). Qual é a sua atitude em direção à santidade? Você aplica à sua santidade o mesmo vigor que aplica à academia, aos seus veículos, aos investimentos financeiros, às férias, à reforma da sua casa, etc.? Foi a atitude de Paulo que permitiu que ele se concentrasse nesses objetivos: “para conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições” (v10). A santidade não acontece por acaso.

Conheça os Obstáculos

No clássico estilo Puritano do século 17, John Owen enfatiza isso com uma clareza brutal: “Você mortifica? Você faz disso o seu trabalho diário? Você deve estar sempre nisso enquanto viver; não tire um dia de folga deste trabalho; esteja sempre matando o pecado ou ele estará matando você”. Você estará entre as vítimas do pecado? Outra história de anos perdidos, fracasso, desobediência? Que o Senhor nos preserve de desonrá-lo dessa maneira. Graças ao Senhor que Ele nos deu Seu Espírito, Sua Palavra para iluminar e o método preciso para cumpri-la (Ef 4:22). Conheça os obstáculos e não dê trégua a

eles. Se eles viverem, você morrerá. Não se deixe enganar, como muitas vezes somos, por falsas alternativas e equívocos morais.

Conheça os Objetivos (Preliminares)

Há outro aspecto para matar o pecado que às vezes é mais difícil de pôr em prática: adicionar santidade. Se pararmos na remoção do pecado, ficaremos com uma casca, uma casca religiosa vazia. Mas o Cristianismo não tem a ver somente com o que removemos, mas preferencialmente com o que acrescentamos a ele: “virtude ... ciência ... temperança ... paciência ... piedade ... fraternidade ... amor” (2Pe 1:5-7). Não devemos apenas pensar em quais pecados parar, mas também quais virtudes adicionar.

Conheça a Si Mesmo

“Vigiai e orai para que não entreis em tentação” (Mc 14:38). “Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios” (1 Ts 5:8). “E já está próximo o fim de todas as coisas; portanto, sede sóbrios e vigiai em oração” (1Pe 4:7). A conscientização é fundamental para viver uma vida santa. Você tem consciência de suas fraquezas? Satanás tem. Nem todos somos atraídos pelas mesmas coisas e, portanto, falhamos de maneiras diferentes. Identifique as partes do campo de batalha onde você foi apanhado pelo inimigo no passado e evite-as. É no Espírito que teremos a vitória sobre o pecado, não na determinação estoica da carne (1Co 10:12). A santidade é um trabalho árduo, mas não há alegria maior do que nos empenharmos naquilo que fomos chamados a fazer (1Pe 1:15).

A ALEGRIA DA SANTIDADE

Bruce Rodgers

Se você quer ser feliz, seja santo! A santidade não é uma restrição à verdadeira vida, mas uma barreira protetora contra a contaminação dessa vida. O que é santidade? É possível que a santidade não seja uma virtude individual como fidelidade, retidão ou compaixão, mas sim uma condição ou qualidade (pureza) de cada virtude. A santidade pode ser comparada a um estado de saúde, exigindo cuidado e desenvolvimento positivos, além de medidas preventivas e corretivas. Devemos amar o bem e odiar o mal.

“Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1:16). O que isso significa em relação ao próprio caráter de Deus? Claramente, isso deve envolver a separação de tudo o que é impuro ou injusto; esse é o lado negativo. Positivamente, Sua santidade é a perfeição infinita de todas as virtudes: Seu amor é infinito, Sua fidelidade é infinita, Sua retidão, etc. A santidade positiva repele o mal e é imune ao mal. Portanto, o Santo é incorruptível. A incrível realidade é que podemos esperar participar dessa perfeição de caráter em plena harmonia com Ele para sempre! As Escrituras destacam a conexão essencial entre o caráter de Deus e nossa felicidade na vida. A bênção implícita é geralmente destacada por um contexto contrastante que nos adverte de que o pecado nos destrói e nos rouba.

“E o Senhor vos aumente e faça crescer em amor... para confortar o vosso coração, para que sejais irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai” (1 Ts 3:12-13). Deus é amor; o amor é centrado no outro, em vez

de egocêntrico, é também uma vontade de cuidar (ou abençoar) o outro, mesmo com o sacrifício de si mesmo. O amor nos tira de pensamentos e de comportamentos egoístas e corrompidos, e nos conduz à santidade. O amor é, portanto, o caminho para a santidade, para a perfeição do caráter virtuoso. O contexto que segue em 1 Tessalonicenses 4 é um desafio para evitar a impureza sexual e manter relacionamentos honrosos e puros, em harmonia com a habitação do Espírito Santo.

O Salmo 16 é uma descoberta da fonte e energia da santidade. A súplica de abertura, *“Guarda-me, ó Deus, porque em ti confio”* (v1), é um humilde reconhecimento de que preciso do cuidado protetor de Deus para me guardar do fracasso e da corrupção interior, bem como do mal externo. É também uma bela expressão de confiança Naquele que é Forte, que é capaz e deseja me proteger. A santidade é uma escolha, bem como uma prática. Ela começa com o relacionamento com Deus e tira sua força do amor por Deus e da fé em Deus por tudo o que Ele é.

Humildade e honestidade são essenciais em Sua majestosa e pura presença, mas podemos ter certeza de que somos bem-vindos e reconhecidos diante Dele. Embora “minha bondade” (v2) não possa acrescentar nada a Ele diretamente, pode beneficiar Seus santos na terra e cumprir Seus interesses naqueles que agradam a Deus com sua devoção, fé e amor para com Seu Nome. A expressão “os santos”, também descrita como “os excelentes”

(v3), capta a essência da santidade positiva: somos “os separados”, porque pertencemos a Ele e participamos da Sua natureza pura de bondade, fidelidade e retidão por meio do novo nascimento (Ef 4:24). Esperançosamente, também expressamos excelência em nossas vidas. Será uma vergonha se os incrédulos brilharem melhor em amor, compaixão, justiça e integridade do que nós, que professamos estar em comunhão com Aquele que é Santo.

“As dores se multiplicarão àqueles que fazem oferendas a outro deus” (Sl 16:4). Em contraste, a devoção a uma falsa divindade deve necessariamente envolver a corrupção do que é genuíno e bom; o espiritual e o moral são uma realidade integrada e interdependente. O que é enfatizado aqui não é o erro deles, mas as consequências nocivas para eles mesmos. Isso é verdade, quer envolva adoração literal de ídolos, quer falsos princípios e ocupações da vida. Por exemplo, somos advertidos contra o “amor ao dinheiro” por causa de seu impacto destrutivo e devastador sobre nós mesmos.

“Ó SENHOR, é a porção da minha herança... louvarei ao SENHOR” (vv5-7). Como essa bênção pode ser medida ou contada? Relacionamento com o Eterno significa vida eterna, plenitude de amor, plenitude de ser quem corresponde à Sua plenitude. Isso é transformador para cada uma de nossas vidas; carregamos um valor que não pode ser medido por nada na terra, nem pode ser destruído por nenhuma privação terrena. Esse relacionamento obviamente foi feito para ser experimentado e apreciado, e se torna nossa fonte de contentamento interior, paz e alegria.

“Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim; por isso que Ele está à minha mão direita, nunca vacilarei. Portanto, está alegre o meu coração” (vv8-9). Isso sugere uma busca diária pelo Próprio Eterno, decorrente de um compromisso vitalício e dando a Ele o primeiro lugar em minha vida.

A conscientização de Deus leva à confiança de força, estabilidade e segurança em minha vida. Essa percepção também traz a alegria do relacionamento com Ele como fonte de vida, amor e bondade.

“Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há abundância de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente” (v11). Faz sentido que somente o Deus que projetou a vida em todos os aspectos seja o melhor guia para a vida. Posso ter a confiança de que Deus me conduzirá à sabedoria genuína e à bênção na vida presente, assim como pelo caminho seguro, através da morte, para a vida eterna. A prometida “plenitude da alegria na Tua presença” é presente ou futura? Por que não ambos?

Se Davi está falando por experiência aqui, provavelmente reflete seu hábito de meditar em Deus, desenvolvido enquanto cuidava das ovelhas de seu pai. Por se tratar de um salmo messiânico, também podemos valorizar essa preciosa visão tanto da experiência eterna do Filho com o Pai quanto de sua experiência terrena da vida humana vivida em comunhão ininterrupta com o Eterno. A presente limitação em nosso gozo é devida a nós mesmos, não à Sua relutância ou restrição. Estou distraído demais com outros interesses ou com preocupações inquietantes (Maria/Marta)? Ou estou muito contaminado? Precisamos discernir quais coisas criam distância Dele. Embora a plenitude da vida e a alegria ainda pareçam intangíveis para nós, essa declaração está repleta de expectativa confiante e deveria desencadear uma resposta com entusiasmo dentro de nós para buscar Sua presença.

“À tua mão direita...” proclama que Ele provê ricamente constante prazer. Isso sugere que, se O buscarmos em primeiro lugar, Ele nos permitirá desfrutar verdadeiramente de todos os aspectos da vida (Mateus 6:33).

O RETRATO PERFEITO DA SANTIDADE

A vida de Cristo

Donald Armstrong

Neste artigo olharemos para o retrato perfeito da santidade, vista na vida de Cristo quando Ele esteve aqui na terra. Existem muitos aspectos belos da vida de nosso Senhor que enchem nossos corações de admiração toda vez que os ponderamos, tais como Sua humildade, compaixão, fidelidade e obediência; mas todos foram destacados por Sua santidade. Consideraremos algumas das testemunhas e características de Sua santidade.

Testemunhas de Sua Santidade

Sua santidade foi aclamada pelos serafins. Quando o profeta Isaías viu o Senhor no trono, os serafins clamaram uns aos outros: "Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos: toda a terra está cheia da sua glória" (6:3). Quem é o Senhor dos Exércitos a quem eles se referem? O Apóstolo João não nos deixa na dúvida: "Isaías disse isso quando viu a sua glória e falou dele" (Jo 12:41). Assim, em Sua existência antes da encarnação, antes mesmo de deixar o esplendor da glória, Ele foi aclamado como o três vezes santo.

Sua santidade foi anunciada pelos anjos. Antes que o Senhor deixasse o céu para vir ao mundo, o anjo disse a Maria: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te encobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1:35). O Senhor em Sua vida era irrepreensível, perfeito e imaculado, mas, mais do que tudo isso, Ele era absolutamente santo.

Sua santidade foi reconhecida pelos

demônios. Tanto Marcos quanto Lucas registram a ocasião em que um demônio em um homem, reconhecendo o Senhor na sinagoga de Cafarnaum, clamou: "Bem sei quem és; o Santo de Deus" (Lc 4:34). O Senhor silenciou o testemunho do demônio, então o expulsou.

Sua santidade foi atestada pelos apóstolos. Depois de Pentecostes, Pedro desafiou os líderes de Israel: "Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida; E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos; do que nós somos testemunhas" (At 3:14-15). Citando o Salmo 16, referindo-se à morte do Senhor, Pedro disse: "Nem permitirás que o teu Santo veja corrupção" (2:27); Paulo também citou o mesmo Salmo (veja 13:35). Em Atos 4, depois que os apóstolos receberam ordens do Sinédrio para não falarem ou ensinarem em o nome de Jesus, eles foram liberados. A resposta deles foi reunirem-se com seus próprios companheiros para orar, reconhecendo que as curas, sinais e maravilhas foram feitas "pelo nome do teu santo Filho Jesus" (v30).

Esses vislumbres confirmam a reivindicação de Deus da santidade de Cristo, por isso, não é de admirar que o escritor aos Hebreus tenha dito que Ele é "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores" (7:26).

Características de Sua Santidade

Podemos ver as características de Sua santidade de duas maneiras: primeiro, pelo que estava ausente de Sua pessoa

e, segundo, pelo que estava presente. As ausências em Sua vida que revelaram Sua santidade são apresentadas pelos apóstolos Pedro, Paulo e João.

Pedro fala do Senhor como alguém **“que não cometeu pecado”** (1 Pe 2:22). É uma maravilha para nossas almas que Ele tenha vivido em um mundo pervertido e corrupto por mais de 30 anos e nunca tenha pecado. Nenhuma mancha de pecado jamais foi vista em qualquer coisa que Ele disse ou fez. Ele “andou fazendo o bem” (At 10:38) em um mundo onde “não há quem faça o bem” (Rm 3:12). Ele poderia desafiar os fariseus e judeus: “Qual de vós me convence de pecado?” (Jo 8:46). Pilatos não pôde encontrar nenhuma falha nele, e o ladrão na cruz ao lado disse: “Este nenhum mal fez” (Lc 23:41). Ele não pecou porque era santo.

Paulo registra a santidade da mente de Cristo – Ele **“não conheceu pecado”** (2 Co 5:21). O sentido na palavra “conheceu” não é o de conhecer algo intelectualmente, mas por experiência. Na pessoa de nosso Senhor, não havia conhecimento ou consciência do pecado. Isso era completamente estranho e repugnante para Ele, e Ele era intacto em Sua mente, sem vestígio do pecado.

João, o discípulo a quem Jesus amava, disse sobre Ele: **“Nele não há pecado”** (1Jo 3:5). Quando chegamos a João, é a santidade intrínseca da alma ou do ser interior que é trazido diante de nós. João retrata Cristo como o Cordeiro de Deus sem pecado, perfeito e santo. O cordeiro pascal de Êxodo tinha de ser sem defeito, isso é, externamente perfeito, sem defeito aos olhos; mas o Senhor era “imaculado e incontaminado” (1 Pe 1:19).

Considerando o registro das escrituras acima, qualquer sugestão de que Ele foi capaz de pecar é anátema e afeta Sua deidade e santa humanidade. Ele não foi tentado pelo pecado e nem tentado

a pecar. Alguns, erroneamente, diriam que Ele era capaz de não pecar, mas isso refletiria erroneamente em Sua santidade. Não, pelo contrário, é correto dizer que Ele não foi capaz de pecar, pois Ele é verdadeiramente Deus.

Finalmente, quais eram as características positivas de Sua santidade? João registra para nós: “Vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1:14). Profeticamente, o salmista disse: “Tem o seu prazer na lei do Senhor; e na sua lei medita de dia e de noite” (1:2). Isso foi exclusivamente verdadeiro em relação a Cristo, a quem o escritor aos hebreus atribui as palavras do Salmo 40:7-8: “Eis aqui venho; no rolo do livro está escrito de mim: Deleito-me em fazer a tua vontade, ó meu Deus: sim, a tua lei está dentro do meu coração”. Ele era Deus manifestado na carne, santo e puro em cada aspecto de Seu ser. Ele sempre demonstrou isso por Sua retidão, justiça, amor, compaixão, graça e verdade pessoais.

Sem um traço do pecado de Adão,

Como Homem único em origem,

Todo justo por fora, todo puro por dentro,

Nosso Bendito Senhor!

(I.Y. Ewan)

Qual é a importância desse retrato perfeito para nós? Pedro, em sua declaração sobre a santidade de Cristo, diz que Ele nos deixou um exemplo de que devemos seguir Seus passos. Paulo enfatiza que aquele que não conheceu pecado foi feito pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus. Finalmente, João escreve “para que não pequeis” (1Jo 2:1), e uma das razões é que aquele que se manifestou para tirar os nossos pecados é aquele em quem não há pecado. Que possamos sempre admirar o retrato da santidade manifestada por Cristo e buscar sermos mais semelhantes a Ele.

SANTIDADE E NOSSO FUTURO GLORIOSO

Clark Logan

Embora existam muitas coisas que não conhecemos sobre o futuro, Deus não nos deixou no escuro sobre Seus planos, para nós, os que cremos: temos a esperança segura de um futuro glorioso no céu. Lá, na perfeição da santidade, desfrutaremos da límpida comunhão com nosso Pai e com Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo.

Atualmente, somos uma obra em progresso, como Paulo explicou aos filipenses: “que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo” (Fp 1:6). A santificação prática – viver uma vida santa dia após dia e tornar-se mais semelhante a Cristo – tem um objetivo divino em vista: “Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8:29); fomos eleitos Nele “para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor” (Ef 1:4). Vamos pensar brevemente em uma série de grandes eventos que estão por vir no calendário de Deus.

O Arrebatamento – Cristo, o Noivo

O Senhor Jesus Cristo está voltando para a Igreja, Sua noiva, e talvez muito em breve! Ele cumpre Suas promessas: “E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver estejais vós também” (Jo 14:3). Sua noiva será apresentada a Ele, “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5:27).

A maneira de Seu retorno será distinta quando Ele descer do céu com um brado. Os cristãos que morreram em Cristo passarão pela ressurreição do corpo, e os que ainda estiverem vivos passarão pela transformação do corpo (Fp 3:21). Juntos, eles serão arrebatados nas nuvens para encontrar o Senhor nos ares e estar com Ele para sempre (1Ts 4:16-17). O melhor de tudo, como João nos diz de uma forma mais pessoal, é que finalmente seremos como Ele (1Jo 3:2)! Isso significa que, além de termos corpos adequados para o céu – livres de corrupção, desonra e fraqueza – deveremos exibir conformidade moral com Cristo. Não haverá mais pecado e não haverá mais fracasso.

Nossos inimigos inveterados – o mundo, a carne e o diabo – não terão mais poder ou influência sobre nós. Já tendo sido salvos tanto da penalidade quanto do poder do pecado, experimentaremos a salvação em sua plenitude ao sermos libertos da própria presença do pecado.

A Tribulação – Cristo, o Juiz

Após o retorno de Cristo ao ar para Sua Igreja, a 70ª semana da profecia de Daniel se desenrolará rapidamente. Um período de sete anos de julgamentos globais catastróficos ocorrerá, com Israel no centro dessa turbulência geopolítica. O mal abundará, sem a influência restritiva do Espírito Santo por meio da Igreja. Ela estará em casa no céu e salvo da ira prevalecente (1 Ts 1:10; 5:4,9).

O Milênio – Cristo o Rei

A segunda vinda de Cristo a esta terra será muito diferente de Sua primeira vinda como um bebê à manjedoura de Belém, basicamente imperceptível. Quando Ele voltar, acompanhado de Sua Igreja, manifestará diante de todos Seu poder, glória e majestade ilimitados como Rei.

Seus inimigos serão derrotados em um momento (Ap 19:19-21), trazendo libertação para o remanescente fiel de Israel e outros crentes dentre as nações. Acontecerá uma ressurreição daqueles que foram martirizados por sua fé, acompanhados dos santos da era do Antigo Testamento. O julgamento das nações contemporâneas resultará em uma separação, de modo que os únicos que entrarão no reino milenar de Cristo serão aqueles que tiverem crido.

Esse reino será aquele em que a beleza e a glória da criação serão restauradas. O pecado não será tolerado porque o Rei governará com vara de ferro, se necessário, e com justiça (Sl 2:9; Is 32:1). Os santos da Igreja que O acompanham serão “irrepreensíveis em santidade” (1 Ts 3:13), participando da Sua glória e reinando com Ele: “Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição... eles... reinarão com ele mil anos” (Ap 20:6). Durante esse período, Satanás ficará preso no abismo, de forma que a humanidade desfrutará de um período de paz e prosperidade sem igual (Ap 20:1-3). “Naquele dia haverá sobre as campainhas dos cavalos: SANTIDADE AO SENHOR” (Zc 14:20). No entanto, no final do milênio, Satanás será solto e liderará uma rebelião final, mas de curta duração, contra o Senhor (Ap 20:7-10).

O Estado Eterno – Deus é Tudo em Todos

O período conhecido como “o dia do Senhor” terminará com o último dos julgamentos de Deus, não apenas sobre a terra durante a tribulação, mas também o julgamento final no Grande Trono Branco. Os atuais céus e terra serão destruídos pelo fogo e um novo céu e uma nova terra serão formados. Isso dará início ao “dia de Deus”, o grande dia eterno que não terá fim e no qual Deus será tudo em todos (2Pe 3:10-13; 1Co 15:28).

Uma característica proeminente do estado eterno será “a cidade santa, a nova Jerusalém” (Ap 21:2). Embora as opiniões diverjam quanto à natureza desta cidade, o autor está inclinado a considerá-la uma cidade literal, mas exclusivamente gloriosa, onde Deus será adorado na beleza de santidade (Sl 96:9). Teria João achado mais fácil descrever as belezas das coisas por vir contando-nos o que não haverá lá? Não haverá lágrimas, nem morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, nem templo, nem sol ou lua, nem noite. Mais importante ainda, a ausência de pecado em todas as suas formas significa que não haverá mais maldição (Ap 21:27; 22:3).

A Igreja, juntamente com os fiéis de Israel e das nações, desfrutará da glória e bem-aventurança eternas. Significativamente, a noiva de Cristo será vestida de “linho fino, puro e resplandecente”, representando os atos de justiça dos santos (Ap 19:8). Em outras palavras, nosso viver santo agora será manifestado por toda a eternidade.

A segura e “bendita esperança” de um dia estar com Cristo e ser como Cristo deveria nos estimular a trilhar um caminho de pureza e santidade aqui (Tt 2:12-13; 1Jo 3:3). Ao escrever sobre o assunto da santidade, J.C. Ryle lançou este desafio: “Como você poderia ser feliz [no céu] se não tivesse sido santo na terra?”

